

Uma sugestão para os devedores saírem da crise

Eles devem manter taxas de câmbio reais, para estimular as exportações, e controlar os juros. É o que pensa um importante banqueiro dos EUA.

Ajustar-se à nova realidade para enfrentar a crise da dívida foi o conselho que um importante banqueiro de Nova York deu ao Brasil e demais países da América Latina, que devem em conjunto US\$ 350 bilhões. Para ele, estes devedores precisam manter uma taxa de câmbio real, desvalorizando a moeda de acordo com a inflação para estimular a capacidade exportadora e limitar as importações; e também manter taxas de juros realistas para estimular a poupança interna, com a conseqüente formação de capitais, e evitar sua evasão.

Na entrevista exclusiva que concedeu à UPI na sede de um dos bancos mais importantes dos Estados Unidos, o banqueiro, muito ligado às negociações de vários países latino-americanos, disse não compartilhar da opinião segundo a qual a suspensão do pagamento de juros pelo Brasil marca

um agravamento da crise. "Depende de quem fala. Não temos essa impressão. O problema do Brasil está criado, e eles podem resolvê-lo", opinou.

O banqueiro, que falou sob a condição de ficar no anonimato, negou que os bancos credores tenham acelerado o processo de negociação da dívida de outros países latino-americanos para isolar o Brasil, lembrando que os acordos fechados agora com o Chile e Venezuela resultam de entendimentos iniciados há meses. Também dizendo que "não está tão mal" a correlação entre a dívida externa brasileira (US\$ 108 bilhões) e seu Produto Nacional Bruto (US\$ 220 bilhões), destacou: "No caso brasileiro, a dívida foi bem aplicada de um modo geral. Investiu-se em bons projetos de um modo geral. É certo que o Brasil tem dois elefantes brancos, as usinas nucleares".

Mas o banqueiro também fez críticas. Lembrou que o País "permitiu a evasão de muito dinheiro para a importação de artigos de luxo, impôs uma taxa de câmbio fixa, a inflação subiu e as taxas de juros fixas estimularam a evasão de capitais. Tudo isso andou mal, e não somos apenas nós que o dizemos: também o disseram economistas brasileiros como Roberto Campos e Mário Henrique Simonsen".

Em meio às críticas, algumas sugestões: "No passado, os brasileiros demonstraram que podem criar condições para atrair capitais e dinamizar sua economia. Trata-se de uma economia que produz US\$ 220 bilhões ao ano: é muito importante. O País tem muitos recursos. É grande exportador, e de forma alguma vai desaparecer do mapa. O Peru sim, mas o Brasil não".

Sobre o futuro do País, o banqueiro —

que conhece muito bem o Brasil — fez esta previsão: "Com o tempo, a equipe econômica elaborará um programa que encare os problemas da economia. Não tem que ser totalmente novo; talvez um dos cinco que os brasileiros já testaram. Talvez possamos ter esse programa em andamento dentro de um ano. E preciso enfrentar as coisas com calma".

Negando que a dívida externa da América Latina seja tão vultosa, lembrou que ela equivale a 8% do Produto Nacional Bruto (PNB) dos EUA e chegou a sugerir uma fórmula de alívio: "Caso se consiga transformar boa parte da dívida em investimentos, isto fortalecerá os países latino-americanos. Quando a gente fala com industriais e outros empresários, tem a impressão de que US\$ 350 bilhões são pouco para as oportunidades de investimento na AL".

Mas, saindo do plano das hipóteses, o banqueiro admitiu que os devedores da América Latina sofrem as conseqüências da queda dos preços de seus produtos básicos no mercado internacional, o que afeta sua capacidade de pagamentos: "Talvez os preços desses produtos não reajam, e é preciso enfrentar a realidade. Os países não podem continuar vivendo num mundo falso. A economia latino-americana tem que dar grandes passos rumo às mudanças, a exemplo do que os EUA começaram a fazer em 1978 e 1979 com o governo do presidente Jimmy Carter. Alguns economistas podem dizer que a Bolívia, o Peru ou os centro-americanos não podem fazer esse ajuste, mas ninguém diz que o Brasil não está em condições de fazê-lo. Os brasileiros precisam mudar o modo de condução do País, e já o estão fazendo".